

VIROU MULHER!

Fato curioso que me deixou redondamente perplexo, tonto e surpreso, acontecimento inusitado com cara de espantalho. Não é “causo” nem história da carochinha debulhada em barbearias ou salões de beleza.

O atrapalhado relato contém todas as verdades, da mesma forma como existem sol e lua! Os personagens bastante conhecidos, dentre eles, um que é chegado a teatro, verdadeiro artista que leva o palco a delírio quando de suas majestosas apresentações, de bilheteria sempre cheia. Faz sucesso principalmente na região do vale do São Francisco.

O autor que esta subscreve, apesar de calejado em escrever crônicas, além de tarimbado como autoridade policial em dezenas de municípios baianos, confessa que o engenho maçarocado de suspense travou-lhe bruscamente o cérebro, por ser algo inédito no livro de registro de ocorrências policiais.

Confesso obscuridade para deitar a crônica no papel, mas tinha esperança que cedo ou mais tarde me daria um estalo na minha cachola, a fim de que narrasse esse fato verídico. Lembrei-me que sou cachoeirano e, então, recorri a Xangô, orixá jejê-nagô das tempestades, raios e trovões, para que iluminasse minha cuca, permitindo, assim, que eu pudesse ter luz para mandar aos quatro ventos uma crônica de grudar as retinas nos jornais.

Dei, também, bori na minha cabeça, com todas as oferendas possíveis para energizá-la. Nada de dúvida, pois tenho a certeza de que a bisbilhotice campearia solta pelas feiras públicas, barbearias, salões de beleza e botecos: seria prato cheio para o mexerico. Não obstante ter reservado oferendas ao rei dos astros e dado bori, talvez não tivesse cumprido bem o ritual quando do arriar do alguidar.

Não fiquei aborrecido com Xangô (Quem é doido para ferir o marido de Iansã?). Entretanto, procurei Mãe-pequena, Julinha, perita no Ajé, na minha cidade, do tempo de minha avó de sangue, Mãe Romaninha do Bogum, para, através dos búzios, me indicasse uma forma de escrever

uma crônica com tantas dificuldades. A ia-quererê (substituta imediata da mãe-de-santo), vidente, no momento do jogo, incorporou Xangô, deixando-me o recado que eu deveria publicar a referida Crônica com os respectivos nomes de guerra: Flor do Dia e Cravina dos Prazeres.

Senti-me aliviado, sobretudo por Xangô, orixá da justiça, que no sincretismo religioso é São Jerônimo, o qual professo com toda a fé, jamais me negaria inspiração e força para comunicar através da escrita um assunto meio escabroso, difícil de ser resolvido ou de ser tratado.

Peço que joguem gelo na ânsia, face à demora em começar a narração dos fatos, mas não é porque eu deseje a prolixidade, mas porque a narração dos fatos é complexa, medonha, inusitada em páginas policiais, de modo que meu cérebro deu pane, tendo que recorrer, assim, aos orixás. Felizmente, Xangô quebrou o galho, clareando minha cachola, até então perturbada.

Cheguei a pedir ao criador da psicanálise, Sigmund Freud, para que me aparecesse em sonho, a fim de desenredar o pânico, como também me preparei para ir à ilha de Itaparica para consultar algum Egum (espírito dos mortos que retornam à Terra), bastante cultuado na região do Recôncavo, o qual em forma humana e dançando de modo grotesco. Esperava, portanto, o encontro com Egum, todavia, Xangô dissipou-me desse sacrifício.

O enigma passo finalmente a desvendá-lo e espero que os leitores ponham na consciência que o caso não foi inventado, sendo evidentemente uma verdade inofismável. Acontece que há pouco tempo, Flor do Dia, com seu verdadeiro nome de homem, contraiu núpcias com uma mulher religiosa, bem conhecida, sendo um casamento, estando a noiva bem produzida e vestida impecavelmente de véu e grinalda. Uma celebração pelo pároco da cidade, pois, Firmina (nome fictício) era muito católica, frequentadora de igreja, não faltando a missas.

O nubente, por sua vez, envergado em um tropical inglês azul-marinho, feito sob medida por um alfaiate de boa fama. Todo feliz, estalava alegria no ar dentro do templo religioso, e, no momento do beijo, por determinação do cura demorou de desgrudar os lábios de sua recente

esposa Firmina. Motivo para todos sorrirem, principalmente os colegas de teatro do noivo que por vez levaram para igreja alguns instrumentos de percussão.

Desse enlace matrimonial nasceram duas filhas lindas e o casal vivia em paz, conforme testemunho dos vizinhos. Sempre presentes colegas do marido para os ensaios, visto que o recente casado gozava de boa amizade com seus colegas, sempre afável... e até “demais”!

Com o passar do tempo que durou pouco, Firmina passara observar que seu companheiro não dava no couro, sendo fraco das “coisas”, deixando-a com a “pulga atrás da orelha”. Descobriu que tinha sido enganada pelo suposto galã que não dava o recado na forma da lei, na hora do “vamos ver”. Broxou de vez e para sempre!

Camuflado de homem músculo e varonil; outro, porém, era seu departamento. A infiusta esposa, sempre cabisbaixa, desesperançada, esgotada fisicamente por falta de carinho e por saber que seu encantado conseguia enganá-la chamegando às claras com uma tal de Cravina dos Prazeres.

Tamanha deceção impusera-lhe o confinamento caseiro, sem nem sequer querer botar a cara na rua. Um suplício que poderia levá-la ao túmulo, não houvesse a interferência de sua família que lhe exigiu providência de caráter emergencial.

Separaram-se de imediato, sendo o ato amigável, mesmo porque, litigioso, o escândalo tomaria conta da cidade ribeirinha ferindo assim a reputação de Firmina que gozava de alto conceito na sociedade, ademais de ser pessoa estimada, uma educadora a cujos alunos dedica plenitude de carinho.

Flor do Dia, livre e de posse da certidão de ilustre separado, uma “sopa no mel” para contrair novas núpcias com sua encantada Cravina dos Prazeres. Um “amor roxo” entre os dois (duas) com a facilidade das leis, não perderam tempo para contrair o casamento no fórum e na Igreja, com a presença de casais de homem com homem e mulher com mulher. Uma festança animada quando da comemoração em sua casa chiquérrima para

eventos. Uma orquestra de grande fama do estado de Pernambuco fora contratada pelos confrades do ramo.

Alugaram para residência uma casa no centro da cidade, muito bonita por sinal, sobretudo porque o casal era bem relacionado, sendo Flor, também chamada de Florzinha, um destacado teatrólogo e Cravina dona de luxuoso salão de beleza bem frequentado pela nata da cidade.

Enquanto conviviam dissimuladamente, tudo andava às mil maravilhas, mas, depois de se juntarem de fato e de direito, passaram a morar sob mesmo teto, começou a surgir ciúme doentio de Flor que houve por bem dar plantão no salão de beleza de Cravina, incomodando notadamente alguns clientes. E quando houve discussão por ciúme entre Flor e Marinalva (nome de guerra) dentro da casa comercial, Cravina perdeu a calma e deu uma surra bem dada em sua parceira. A qual não se conformando com as porretadas que recebera e, levada pelo ciúme de mulher chieira, sem pestanejar, entendeu de procurar a Delegacia da Mulher para registrar a queixa-crime devido às pequenas lesões para posteriormente requerer o divórcio.

- “Bom dia! Gostaria de falar com a Delegada da mulher.” Uma agente muito educada de logo deu acesso ao gabinete.
- “Bom dia, Delegada...”
- “Bom dia”, respondeu-lhe a autoridade “O que o senhor deseja?”
- “Gostaria de prestar uma queixa-crime contra Cravina dos Prazeres que me agrediu dentro do salão de beleza de sua propriedade. Venho, baseada no que preceitua a Lei Maria da Penha, para que o senhor tome as devidas providências em caráter de urgência.”
- “Desculpe, cidadão, aqui é a Delegacia da Mulher, aconselho a procurar a Delegacia de Polícia.”
- “Mas, sou casada com Cravina na Igreja e no Civil, logo gostaria do boletim de ocorrência.”
- “Mostre-me seus documentos.”

Flor ou Florzinha iniciou a arriar as calças, tendo tomado uma porretada no cangote por uma agente brabo que estava ao lado da delegada, tendo Flor do Dia escapulida da Delegacia com “uma quente e outra fervendo”.

Não se conformando, dirigiu-se, então, ao delegado de polícia, contando a mesma história que havia tomado uma pisa de sua mulher, pois havia se casado.

- “Você é casado (casada), que diabo finalmente você é e o que quer? Saia daqui e vá procurar a Delegacia da Mulher para fazer o registro deste “bolo” por lá se você quiser.”

Flor do Dia, com receio de levar outra porrada no juízo, não mais falou em documentos e desesperada deixou a Delegacia, mesmo porque se assombrou ao ver dois agentes malhados ao lado da autoridade.

Passou daí em diante a caminhar para o Fórum da Comarca atrás do divórcio para se livrar das garras de sua amada Cravina dos Prazeres que, apesar das agressões, seria amigável.

Não se há de duvidar que esses tipos de precedentes só acontecem na Bahia, de conformidade com o estadista Octavio Mangabeira. Por isso a demora de escrever esta crônica sem saber por onde começar muito menos como terminá-la deixando-me atordoado.

Inconformado como Flor do Dia conseguiu ter duas lindas filhas, então, bastante confuso diante de tamanha aberração, procurei um babalorixá de minha alta confiança, cachoeirano da “Roça do Ventura”, dos troncos da seita animista, para pedir que olhasse no jogo dos búzios. Os búzios de pronto responderam que Flor do Dia era de Oxumaré, orixá de dupla sexualidade. Daí quando da passagem de homem em seis e seis meses, por certo “clareou as vistas”, fazendo, assim, duas vidas!

Fato é que cheguei ao fim desta crônica que me deixara nervoso. Pensei até em ir à ilha de Itaparica para conversar com um Egum a fim de incorporá-lo para psicografar a difícil crônica, quando me lembrei da teoria de Raul Seixas ao se referir à metamorfose ambulante! Virar mulher é um detalhe! Daí a instabilidade no casamento de Flor do Dia com Cravina dos Prazeres!

Geraldo Dias de Andrade é Cel. PM/RR – Bel. em Direito – Membro da Academia Juazeirense de Letras – Escritor – Cronista – Membro da ABI/Seccional Norte.